



Manuel Messias. *Sem título*, da série *YUWW*. déc. 1960. Xilogravura sobre entretela de TNT. 73 x 33 cm. Coleção particular. Foto: Jaime Acioli.

MANUEL MESSIAS • SEM LIMITES

De quantas maneiras a sociedade pode tentar limitar um artista, seja em seu modo de viver, seja na compreensão de sua obra? Tantas quantas forem, grande parte delas foi mobilizada para restringir Manuel Messias e sua monumental produção. Estigmatizado por marcadores que efetivamente portava como homem negro e nordestino, Messias foi também enquadrado pela precariedade de suas condições econômicas, em um ciclo vicioso no qual o preconceito e o racismo agravavam sua realidade material. Não obstante, o artista viveu decidido a existir e produzir “sem limites”, como assinalou em um texto de caráter biográfico, escrito em 1969, que começava assim: “Eu quero é viver (se isso é possível!), mas ninguém me permite isso. Não se trata de, por medo ou qualquer outra coisa, dar importância ou me limitar às evidências de tais e tais pessoas, mas da maneira como eu sou. Eu sou simples demais, exigente demais, santo demais, criança demais, demônio demais, agressivo demais, corajoso demais, humilde demais, cego demais, lúcido demais, inexperiente demais, experiente demais, vaidoso demais, despojado demais, bom demais, ruim demais, calado demais, falador demais, cínico demais, compreensivo demais, tudo sou eu sem o equilíbrio”.

Assim, sem o conforto do equilíbrio, Messias realizou uma das mais relevantes obras em gravura da segunda metade do século 20. Seu trabalho ressoa aspectos característicos da geração que começou a produzir na década de 1960 – como a adesão a linguagens de leitura ágil e fatura expressiva –, que emula recursos de mídias populares (no caso dele, a xilogravura) e produz figurações com teor de protesto, revolta e inconformidade perante um país estruturalmente desigual, conservador em seus paradigmas morais e violentamente controlado por um regime ditatorial. Seu escopo, porém, transborda os contornos usuais daquele tempo, ousando redobrar a visceralidade da representação do corpo, radicalizar a expressividade do uso de grandes áreas de cor (notadamente, de preto, branco e vermelho), enunciar palavras de sentido espiritual e profético. Messias desenvolveu ainda seu próprio alfabeto, mesmo. Não apenas criou um conjunto de imagens, frases e cenas que se complementam, mas desenhou uma família de símbolos que codificam sua escrita em inúmeras obras. Icônicos, esses símbolos merecem lugar destacado no pensamento sobre a arte brasileira e suas articulações com fluxos diaspóricos, com linguagens conceituais e com a escrita.

É uma alegria que os curadores Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto, que já haviam organizado o importante livro *Manuel Messias – Do tamanho do Brasil* em 2021, tenham se engajado na presente mostra, com o zelo de manter o pensamento do artista como linha-guia das decisões expositivas – o que se reflete no esforço de reconstituir as séries feitas por Messias, posicionar em lugar central seu alfabeto e reunir sua dicção, depoimento e linguagem. Graças ao Ministério da Cultura, via Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), e ao fundamental apoio da galeria Danielian, os públicos que circulam por São Paulo têm agora uma primeira e valorosa oportunidade de encontrar em um espaço institucional o cerne da voz sem limites de Manuel Messias.

Instituto Tomie Ohtake

Manuel Messias dos Santos (1945-2001) nasceu em Aracaju, Sergipe, e com cerca de sete anos chegou ao Rio de Janeiro com sua mãe em busca de melhores condições de vida. Sua infância foi marcada pela memória rural nordestina e pela experiência urbana de conviver entre diferentes realidades sociais e econômicas. Sua mãe, personagem central e companheira de toda a vida, trabalhou como empregada doméstica na casa de personalidades da sociedade carioca ligadas ao universo das artes. Esse contato possibilitou que o jovem Messias, que já manifestava habilidade para o desenho, tivesse acesso a aulas de arte a partir do início dos anos 1960. O curso livre de Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi o estopim para sua identificação como artista e para a sua integração ao ambiente cultural da cidade.

Por incentivo de Serpa e da artista Mirian Inez, Messias se dedicou à xilogravura. Suas obras logo passaram a fazer parte de mostras coletivas, salões e exposições internacionais. A produção dos primeiros anos evidencia a experimentação e o amadurecimento de suas técnicas, com a influência expressionista de artistas como Oswaldo Goeldi e da xilogravura da literatura de cordel. No final dos anos 1960, a elaboração formal de suas obras já revela a consciência dramática que será o aspecto diferencial de suas gravuras. As séries *Fome* e *Loucura*, presentes nesta mostra, são exemplos que simbolicamente refletem a situação limítrofe que marcou sua vida.

Na mesma época, o artista criou o álbum *YUWW*, que apresenta um alfabeto que permaneceu incompreendido por mais de cinquenta anos. Leitor e estudioso voraz, nas oito gravuras que compõem este conjunto (o único que permanece reunido desde sua criação), Manuel Messias traz mensagens de grande força poética, codificadas a partir de caracteres e orientações gramaticais especificadas pelo artista. Esses grafismos se integram às figuras e formas simbólicas na apropriação dos conceitos da poesia visual.

Como parte de uma geração que se desenvolveu ao longo dos anos mais duros da ditadura militar, apesar de nunca ter declarado nenhum posicionamento político, Messias incorporou em suas obras a denúncia de um período marcado pelo medo e pelo terror. A série *Nossa*, feita ao longo da década de 1970, assume uma postura quase panfletária, que nos conecta e demonstra, ao mesmo tempo, a violenta face do convívio humano. As obras de formato quadrangular escancaram incongruências da nossa sociedade, e os trabalhos verticais apontam a natureza humanitária como elo para uma compreensão mais fraterna.

Em 1974, a mobilização de amigos e artistas a partir de uma exposição de grande sucesso na Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, de Evandro Carneiro, permitiu a Messias comprar uma casa na Cidade de Deus, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde morou com sua mãe por quinze anos. Foi seu período de produção mais organizada e contínua, quando desenvolveu obras de grande formato. "Quero fazer gravuras do tamanho do Brasil" – declarou. A série *Via Sacra* revela a sua maturidade técnica e artística: ela sintetiza referências da publicidade pop e da consciência espacial do vazio da gravura tradicional japonesa, além de recuperar o misticismo do relato bíblico através de uma sofisticada elaboração formal.



Manuel Messias. *Nossa fome*, da série *Nossa*. c. 1974. Xilogravura sobre entretela de TNT. 58 x 50 cm. Coleção particular. Foto: Jaime Acioli.



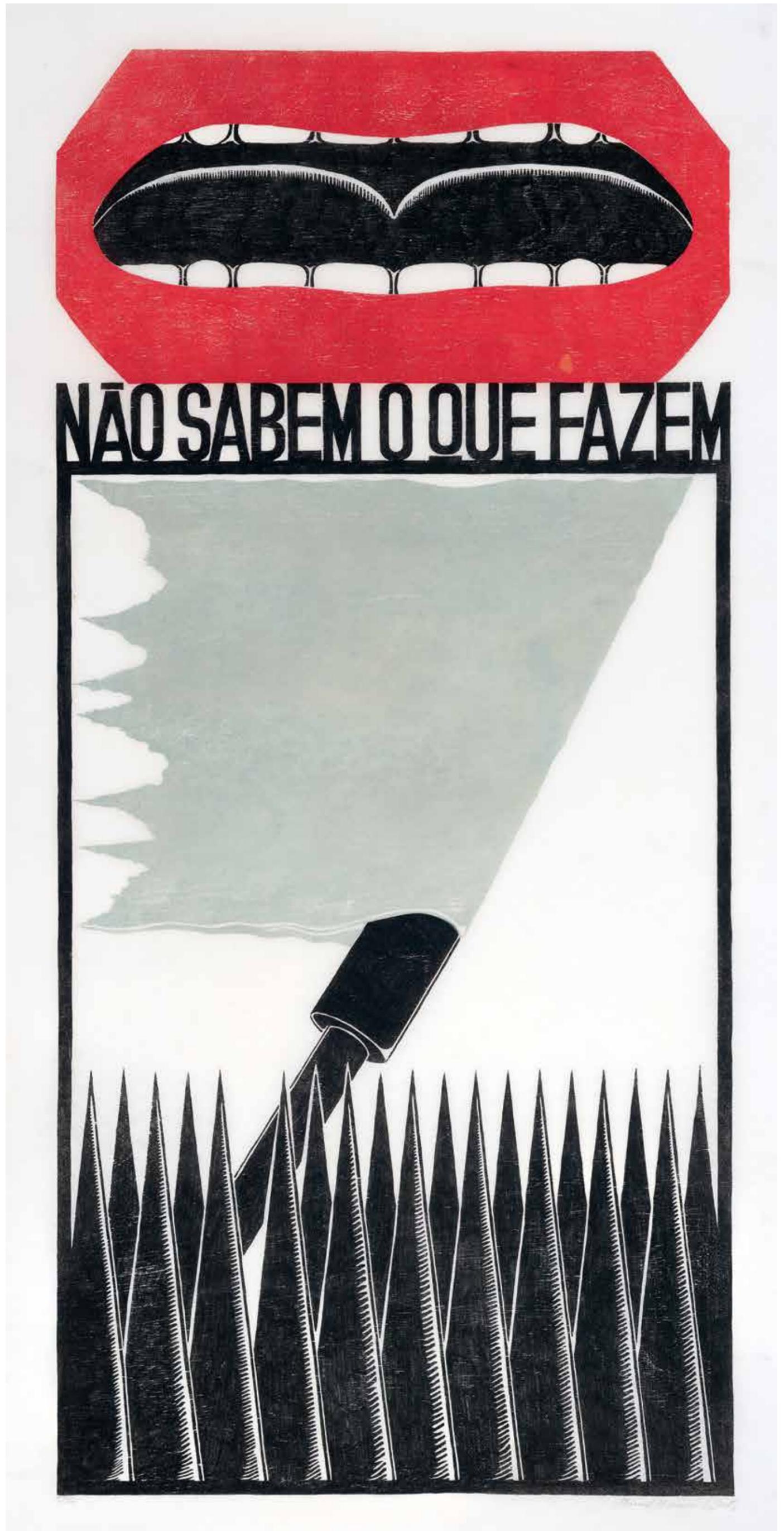
Manuel Messias. *Comendo a pomba*, da série *Fome*. 1967. Xilogravura sobre entretela de TNT. 32,5 x 40 cm. Coleção particular. Foto: Jaime Acioli.

Os anos seguintes foram marcados pela instabilidade financeira e emocional de Messias e de sua mãe. Apesar de manter ativa participação no cenário cultural por meio de exposições, a renda da família vinha das vendas informais para galerias, amigos e clientes. A série *Your Life - M' fotogram*, produzida nesse período, demonstra experiências modulares na gravura e denota sua instabilidade psíquica através de confusas notações e referências escritas à mão nas obras. São citações, homenagens, mensagens não compreensíveis e imagens que falam sobre a finitude em diversos aspectos. Este conjunto, suas últimas produções em xilogravura, assume um caráter retrospectivo a partir da própria ideia de fotograma. O agravamento do estado psíquico de ambos chegou ao ponto extremo e, sob a justificativa de perseguição por membros do tráfico de drogas da Cidade de Deus, o artista e sua mãe abandonaram sua casa em 1989.

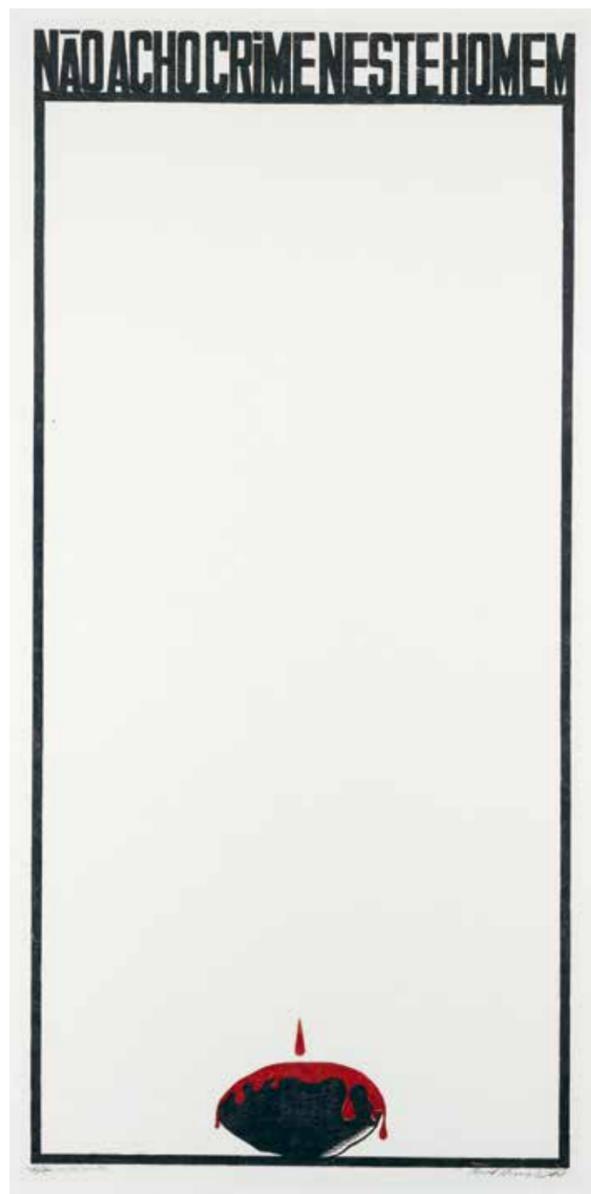
Essa desestruturação os levou a morar na rua por cerca de nove anos, contando com o apoio eventual de poucos amigos e com algumas mobilizações da classe artística e de instituições de amparo. Após o falecimento de sua mãe, em 1996, Messias iniciou um tratamento e acompanhamento psiquiátrico, mesmo sem nenhum diagnóstico conclusivo. Suas obras dos anos anteriores continuavam a circular entre exposições coletivas em todo o país, mas sua produção, que migrava para experimentações geometrizarantes das formas, se limitava aos materiais que recebia como doação. Nos três últimos anos de sua vida, por intermédio do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB), passou a viver em lares de assistência.

Manuel Messias dos Santos é um artista de qualidade e relevância inquestionáveis. Sua vida e obra revelam as marcas das injustiças e dos problemas estruturais brasileiros, escancarando uma realidade esquecida às margens, invisibilizada pelo racismo estrutural, pela desigualdade histórica e geográfica e pela nossa incapacidade e desinteresse em viver em harmonia social. Esta exposição, a primeira mostra institucional dedicada à sua obra, nasce da necessidade de reconhecimento e de inclusão definitiva de sua produção na escrita das tantas e tão plurais histórias da arte brasileira.

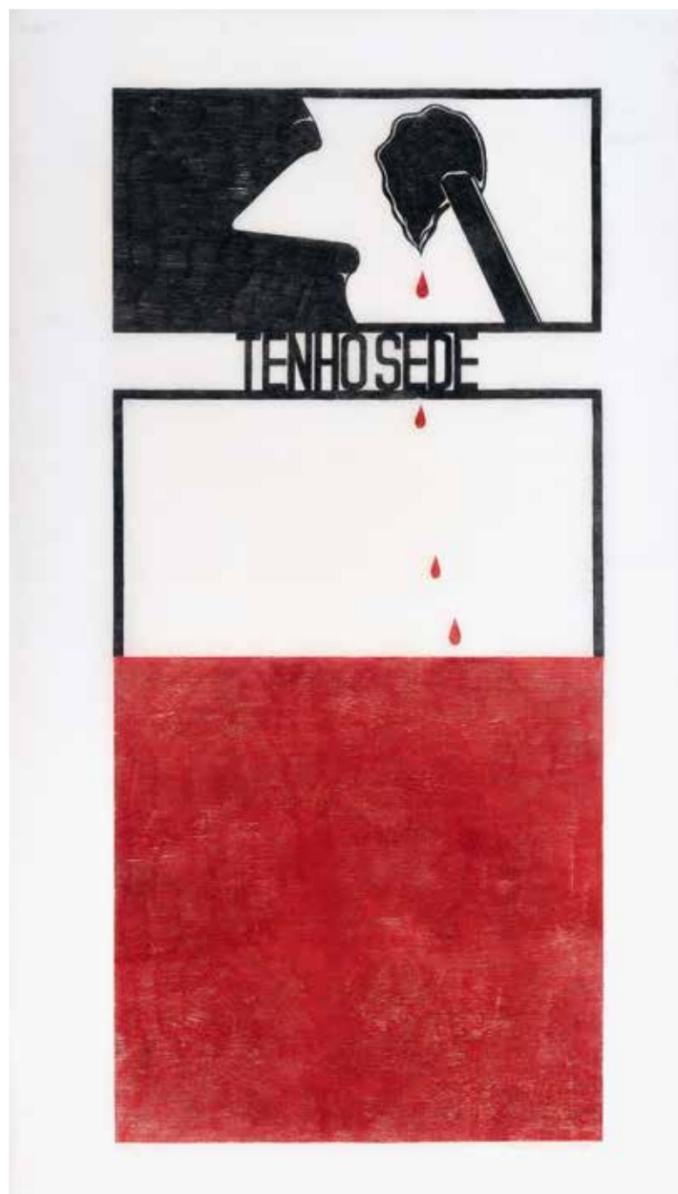
Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto
Curadores



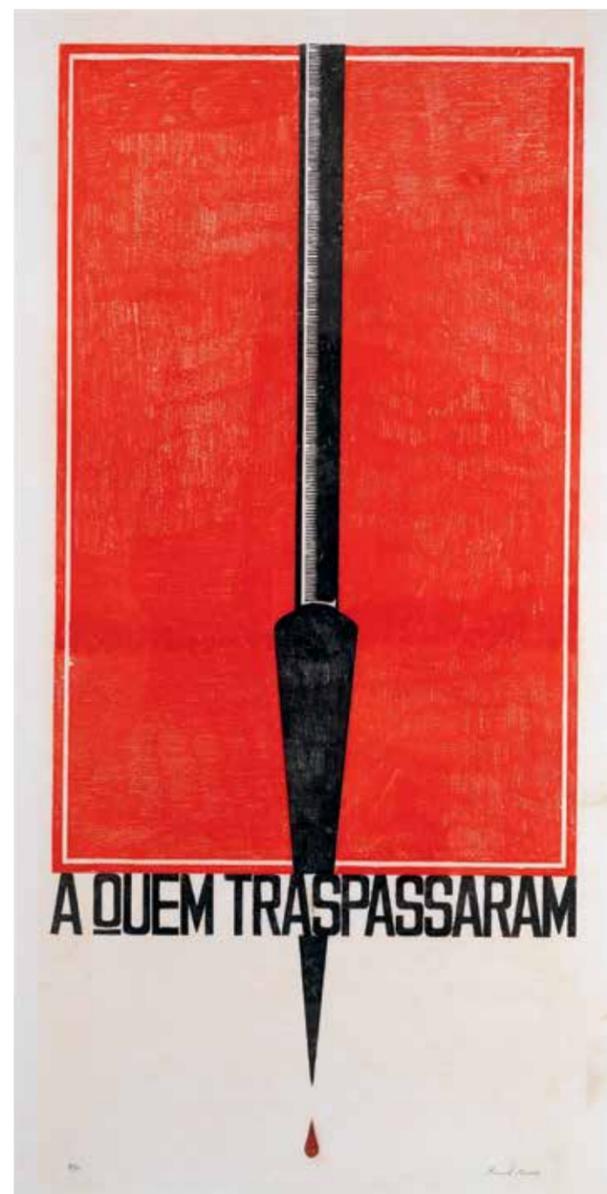
Manuel Messias. *Não sabem o que fazem*, da série *Via Sacra*. c. 1979. Xilogravura sobre entretela de TNT. 138 x 70 cm. Coleção Instituto Paz. Foto: Jaime Acioli.



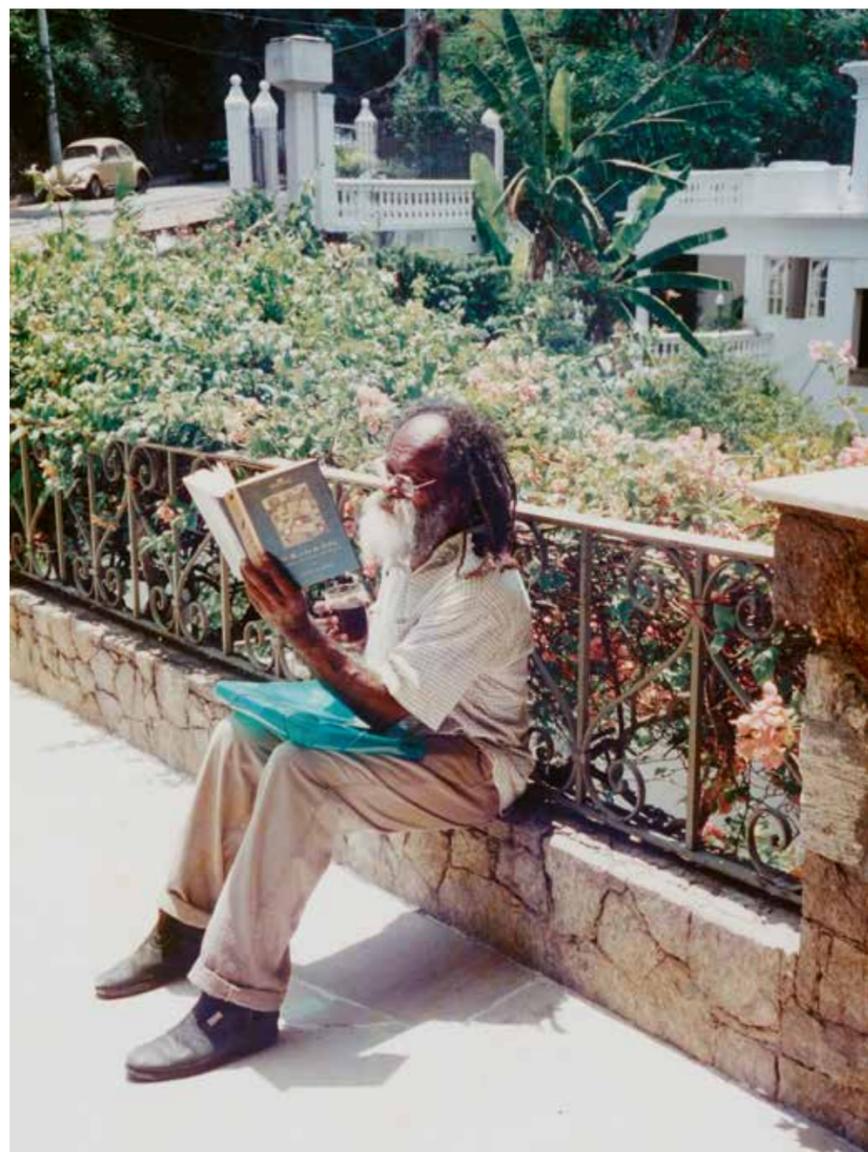
Manuel Messias. *Não acho crime neste homem*, da série *Via Sacra*. c. 1979. Xilogravura sobre entretela de TNT. 128 x 59 cm. Coleção particular. Foto: Jaime Acioli.



Manuel Messias. *Tenho sede*, da série *Via Sacra*. c. 1979. Xilogravura sobre entretela de TNT. 138 x 70 cm. Coleção particular. Foto: Jaime Acioli.



Manuel Messias. *A quem traspassaram*, da série *Via Sacra*. c. 1979. Xilogravura sobre entretela de TNT. 138 x 70 cm. Coleção Instituto Paz. Foto: Jaime Acioli.



Manuel Messias em Santa Teresa, Rio de Janeiro. 2001.

MANUEL MESSIAS - SEM LIMITES

Realização
Instituto
Tomie Ohtake

Apoio
Danielian Galeria
de Arte

Curadoria
Marcus de Lontra Costa
Rafael Fortes Peixoto

**Produção e Coordenação
de Montagem**
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Maria Fernanda Rosalem
Pedro Lemme
Rodolfo Borbel
Tamara da Silva Pereira
Victor Constantino

**Produção Danielian Galeria
de Arte**
Izabel Ferreira

Projeto Expográfico
Ligia Zilbersztein

Design Gráfico
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia

Tradução
Isabela Maia

Montagem
Equipe Projeta
Alexandre Nascimento
Heber Kusano
Maira Key Takiy
Wesley Silva

Iluminação
Âmbar Locação e Serviços
de Iluminação

Pintura
WCA Pinturas e Decorações

Transporte
Grupo Alke

Seguro
Howden Brasil Consultoria e
Corretora de Seguros Ltda.

Agradecimentos
Bernardo Paz, Daniel Rebouço,
Evandro Carneiro, Guilherme
Gutman, Jones Bergamin,
Marcio Gobbi, Martha Pires
Ferreira, Mathias Marcier,
Paulo e Anita Kuczynski,
Paulo Soares, Rafael Moraes,
Sergio Werlang e Soraia Cals.

JORNAL

Coordenação
Instituto Tomie Ohtake

Projeto Gráfico
Felipe Carnevalli
Paula Lobato
Tie Ito
Vitor Cesar

Textos
Marcus de Lontra Costa
Paulo Miyada
Rafael Fortes Peixoto

Revisão
Divina Prado
Isabela Maia

Impressão
Ipsis

ISBN 978-65-89342-55-7

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui publicadas. Caso identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br